

John Reed diz que moratória não declarada prejudica Brasil

OSWALDO RIBAS

O presidente mundial do Citicorp, John Reed, considerou ontem provável que Brasil possa chegar a um acordo de reescalonamento de seus débitos externos com os bancos credores ainda este ano. Numa entre-

vista na sede do Citicorp, em São Paulo, Reed disse não esperar que seu banco venha a receber algum tipo de pagamento, simbólico ou não, em 1990. Ele elogiou o Plano Collor, mas lamentou a insistência brasileira em manter uma moratória não oficial da dívida externa: "Ao não pagar, o Brasil perde muito mais do que ganha", afirmou.

Com o não-pagamento da dívida, segundo Reed, o Brasil pôde somar às suas reservas US\$ 5 bilhões nos últimos 12 meses. Mas, em contrapartida, perdeu US\$ 3 bilhões em créditos que poderia ter recebido. Além disso, com a reclassificação da sua dívida, o País viu suas linhas interbancárias reduzidas de 160 para 60 dias e o spread (taxa de risco) ampliado de 0,5% para 1,5%.

Reed, em São Paulo, pede respeito às regras de negociação e elogia o Plano Collor

O presidente do Citi pediu respeito às regras preestabelecidas: "Eu, por exemplo, poderia deixar de pagar dividendos dos acionistas do banco e ganhar dinheiro com isso, mas certamente não conseguiria mais captar novos recursos dos investidores". Reed também considerou imprópria a negociação com os bancos sem mediação do Comitê Assessor.

O banqueiro calculou em US\$ 300 milhões os prejuízos que o Citi terá este ano com o não-pagamento brasileiro. Ao todo, o Brasil deve ao banco, maior credor do País, cerca de US\$ 3,6 bilhões, excluindo créditos de curto prazo. "Mas não estamos preocupados com isso", disse. Ele argumentou que o Citi elevou suas reservas contra créditos duvidosos em US\$ 1 bilhão no ano passado, o suficiente para enfrentar a falta de pagamento do Brasil e da Argentina.

O chairman do Citi está no País pela segunda vez em duas semanas. Ontem ele almoçou com empresários da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, hoje estará em Brasília e amanhã terá encontro com o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, que ainda não conhece. Depois irá ao Uruguai e à Argentina e dia 9 voltará a Brasília para participar de um seminário sobre a dívida externa brasileira.

Reed vê com entusiasmo a possibilidade de o Citi converter seus créditos em ações de estatais brasileiras, como fez na Argentina, onde entrou no capital da telefônica Entel.

